

A (HIPER)MODERNIDADE LACANIANA*

Marcus André Vieira



[Clique aqui para ampliar](#)

Referência:

Vieira, M. A. A (hiper)modernidade lacaniana. *Latusa*. Rio de Janeiro, n. 9, p. 69-82, 2004.

Nãotodo

Em seu *Seminário da orientação lacaniana* de 96-97, Jacques-Alain Miller explicita uma tese maior sobre a contemporaneidade: estamos em tempos do Outro que não existe. Esta afirmação inscrita no título do seminário, contudo, apenas parece indicar o fim desta entidade forjada por Lacan para abordar a cultura, a linguagem e a estrutura. Estaríamos em tempos da dissolução do Outro em uma espécie de anomia geral? Nada disso. Na verdade, o seminário trata menos do fim do Outro e mais da materialização contemporânea de um outro Outro, uma estranha alteridade, que seria a tônica atual das relações do sujeito com o mundo.

Este parceiro paradoxal, que é mas não existe, será situado a partir das fórmulas da sexualização de Lacan como o efeito, no social, de uma novidade: a generalização de um regime de gozo *nãotodo*. Preferindo evitar o termo “generalização”, Miller define seu diagnóstico com a afirmação de que estamos em tempo de “nãotodo em todo canto” (*pastout partout*).¹

O paradoxo de um Outro “que não é” encontra sua delimitação conceitual em um conceito de difícil apreensão, o *nãotodo*, que assinala um Todo que não é, ou melhor, um Todo que é “não”. Como assim? Explico. O *nãotodo* surge em “O Aturdido” e aparece em sua forma logificada no *Seminário 20 - Mais, ainda*, sendo convocado para situar o universal do ponto de vista da experiência analítica. Isso porque, ao contrário do senso comum, a psicanálise não parte do universal como um dado prévio, mas como algo a ser alcançado a partir do singular. Afinal, trata-se ali, para um sujeito, de conquistar um lugar para sua singularidade no Outro, em lugar de vê-la apagada pelo coletivo. Esta precariedade do universal é traduzida em *Totem e Tabu* pela dependência de uma exceção fundadora, o pai e seu assassinato, para constituir e sustentar o universo social (o “contrato” dos irmãos). Para Freud, portanto, não se trata de “toda regra tem exceção”, mas de “a exceção funda a regra (como universal)”. Lacan inscreve essa demonstração freudiana, que retomaremos adiante, no lado esquerdo de suas fórmulas da sexualização. Ela se lê como “havendo exceção há Todo” e situa o modo de junção entre saber e gozo tipicamente masculino. Já o lado direito, vinculado ao real do feminino e aparentemente no avesso do esquerdo, denota um gozo ligado à suspensão da exceção, realizando uma subversão lacaniana da lógica clássica. Em vez de assinalar que “não havendo exceção, não há Todo” ele afirma “não havendo exceção há nãotodo”.²

E daí? Veja-se que se trata de um pequeno deslocamento da negação. Ela incide agora sobre o particular e não sobre o universal fazendo dele algo apenas “meio” existente. É o que indica o *nãotodo*, assim grafado por Lacan justamente para afastar a negação (que lhe constitui) do tudo-ou-nada. Ele é “meio”, mas não é um universal pela metade, nem um falso universal. Ele é um universal meio barro meio tijolo, figura inaceitável para Aristóteles. A subversão psicanalítica faz sentido, pois a lógica proposicional clássica é uma lógica do sim e do não, enquanto que a psicanálise precisa de uma “lógica de borracha” como afirma Lacan por vezes, para tornar operacional o trabalho com o feijão com arroz da prática analítica, algo essencial que nos toma e que, no entanto, é de dimensão necessariamente imprecisa, de inserção precária na existência.

* Publicado em *Contra Capa*, 2004. Este texto não seria possível sem a investigação coletiva desenvolvida ao longo deste ano no seminário “Caso de polícia”, na unidade de pesquisa “Práticas da letra” do Instituto de Clínica Psicanalítica.

¹ Miller, J. A. “O Outro que não existe e seus comitês de ética”, seminário inédito, lição de 4/12/96.

² Lacan, J. *O Seminário livro 20 (Mais, ainda)*, Rio de Janeiro, JZE, 1982, p. 105.

Entenderemos melhor o Todo e o não-todo se pensarmos suas ordens de alteridade como figuras distintas do Outro. Começamos pelo Outro-Todo. Temos a irresistível tendência a supor que ele seria um Outro completo, todo-poderoso. Este Outro completo, sem furo, só existe como mito neurótico, fantasma de uma mãe pré-edípica, intrauterina, ou ainda como perseguidor do paranóico. Ele é apenas o sonho de um *Outro Total*. Para Freud o Outro-Todo, Outro consistente, é o Outro furado, que só se totaliza exatamente porque há alguma exceção a ele. O império deste Outro-Todo é o Império como estamos acostumados a pensá-lo - o império britânico, do Pai. Esse é o Outro que existe, é o *Outro Todo*. Finalmente, há o Outro a que nada se excetua, que é não limitado - e por isso mesmo não constituído como corpo. Ele não é mítico e sim paradoxal. É o “Outro (que está aí mas) que não existe”, é o *Outro não-todo*.

Cuidado. Vale repetir. O não-todo não é um Outro incompleto, um Todo a quem, humildemente barrado, faltaria algo, ao contrário, por ser um todo sem limites, não tem corpo e está, assim, longe de ser todo-poderoso. O Outro não-todo é disforme, onipresente, sem, contudo, real poder de fogo. Corrói e gera violência mas nunca como a de um exército organizado. Não se pode travar guerra com um Outro não-todo. Ele é indestrutível, mas sem músculos. É exigência superegóica angustiante e não repressão culpabilizadora do Ideal. Ele é yin e guloso, caprichoso e japonês.

Finalmente, atente-se para que não se conceba “Todo” e “não-todo” de maneira exageradamente independente e estanque. O não-todo é impensável sem atrelamento a algum tipo de corporeidade. Sem um mínimo de forma sobre a qual assentar-se ele seria pura dispersão real, caos. É o que deixa claro Miller quando retoma este paradigma alguns anos mais tarde de maneira ainda mais precisa e afirma que nossos dias são marcados pela “prevalência da estrutura do não-todo sobre a estrutura do Todo”.³

Não há, então para nós, fim do Todo, tal como para um Fukuyama há o fim da história. O Pai até um certo momento teria ocupado, com seu regime todista de articulação entre saber e gozo, o centro da cena, e o não-todo a periferia. A passagem deste último para uma posição preponderante não modifica o fato de que ele é inseparável de um baque sofrido pelo Pai na modernidade e inscrito por Freud em seu mito como a função do pai morto. A teoria lacaniana da contemporaneidade não supõe uma ruptura com a modernidade e sim uma mudança de registro fundada na exacerbação de algo que já lá estava e em uma nova aliança entre seus principais personagens. Por essa razão, somos levados a recusar o termo pós-modernidade. A contemporaneidade lacaniana é assim uma altamodernidade, ou como prefere Miller aproximando-se de Lypovetsky, uma hipermodernidade.⁴

O Outro social

Podemos agora situar Lacan no debate sobre o contemporâneo. Já faz algum tempo que a temporada de caça a uma teoria para nossos dias está aberta. A busca de um suporte conceitual que dê legibilidade ao aparente caos em que vivemos é uma verdadeira usina em que têm sido forjados os mais variados significantes: Desde a *Pós-modernidade* de Lyotard à *Hipermodernidade* de Lipovetsky, passando pelo *Capitalismo tardio* (Jameson), a *Alta modernidade* (Giddens) e a *Modernidade líquida* (Baumann). Com relação a este trabalho de delimitação do estado da cultura, circunscrevem-se também suas repercussões na esfera pessoal: desençaixe, reflexividade, corrosão do caráter, entre outros.

Três nomes próprios em destaque na discussão sobre o contemporâneo nos servirão de guia: Agambem, Hardt e Negri. Os três retomam algumas indicações de Foucault, desenvolvidas posteriormente por Deleuze, que podem ser reunidas sob a rubrica da *biopolítica do poder* e que se articula à passagem, por ele delimitada, da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. O deslocamento de “disciplina” a “controle”, apesar de aparentemente

³ Miller, J. A. “Intuitions milanaises”, *Mental*, n. 12, Paris, 2002, p. 17.

⁴ Cf. Lipovetsky, g. *Os tempos hipermodernos*, São Paulo, Barcarolla, 2004.

sugerir um aumento do poder da autoridade, é calcado em uma mudança qualitativa em sua apresentação e na forma de submissão à ela. Ele indica, na verdade, um novo registro: em lugar de um poder externo por definição um poder deslocalizado, apresentando-se tanto no campo exterior quanto na própria conformação da interioridade subjetiva. Na sociedade de controle um poder disseminado toma o próprio corpo, submete-o sem enfrentamento e torna-o instrumento do próprio domínio de si. Delimita-se uma vida regrada pelo social na intimidade do prazer e da própria apreensão do vital, que leva Foucault a denominá-lo de *biopoder*.⁵

Antonio Negri e Michael Hardt reconhecem na prevalência e generalização deste tipo de dispositivo a tônica de nossa civilização. É o que chamam de *Império*. É preciso cuidado com o termo, pois, em lugar de um Império hierarquizado e centralizado, ele assinala um regime que nos toma sem que seja possível localizar seu centro. Traduz uma presença acéfala e nem por isso menos violenta, da qual os Estados Unidos são paradigma sendo ali, contudo, tanto protagonistas quanto passivos figurantes. Com Lacan, nesta preponderância do tipo mac Donald's sobre o Império do tipo britânico, leremos a primazia do não-todo sobre o Todo.⁶

Giorgio Agambem parte do mesmo pressuposto foucaultiano. Se quisermos, segundo ele, delimitar o próprio de nossos tempos e de sua violência particular, devemos deixar de lado o totalitarismo como paradigma, ou definir um novo totalitarismo. Demarca-se, assim, do totalitarismo tal como examinado por Hanna Arendt, que apesar de traçar o retrato pungente de apropriação e opressão totais do partido sobre o sujeito preservaria uma exterioridade essencial do opressor. Para Agambem devemos hoje situar uma forma de poder como alteridade constituinte. Elege, então, o campo de extermínio como espaço de observação deste tipo de alteridade em que impera a apropriação de todos os elementos constitutivos da esfera individual – cabelos, dentes, ossos - sem que se possa refugiar em nenhuma interioridade particular. Sai o totalitarismo do partido e do líder e entra o império do biopoder acéfalo.⁷

Apesar de Foucault oscilar bastante quanto à psicanálise e tender em alguns momentos a associar Freud à sociedade de controle, Agambem, sem explicitá-lo, vai descortinar a correta relação entre a psicanálise e o biopoder, ao fundar seu estudo em um exame detalhado da função da exceção e dos efeitos de sua suspensão. Para tanto, ele aborda o campo de extermínio a partir do que costumamos chamar de estado de exceção. Este, define-se como o horizonte de um “tudo se pode” por parte da autoridade, um poder sem limite, ao qual nada se excetua. Por contraditório que possa parecer, o estado de exceção funda-se na suspensão da função da exceção.

A teoria da modernidade de Agambem declina-se, então, como generalização do estado de exceção, que significa, ao mesmo tempo, a suspensão da função da exceção. Que exceção? Justamente a do recinto, inviolável até então, da intimidade corporal. É como se a limitação natural de um interior sagrado, como espaço não penetrado pelo poder totalitário, não mais estivesse em funcionamento. O totalitarismo de Hitler e de Stalin não tem limites, mas a dominação que supõe ao apropriar-se totalmente do sujeito eliminá-lo. Ela tem em seu horizonte a destruição total do sujeito enquanto que o Império americano, suspendendo a barreira da intimidade, exerce seu domínio ali inclusive, sem aboli-la.⁸

Impossível aqui não retornarmos à exceção encarnada pelo fantasma do Pai da horda primitiva. Morto, seu gozo negativado funciona como exceção constitutiva e reguladora entre os filhos. Esta “função-exceção” tanto é pré-histórica quanto presente, pois atualiza-se todo o tempo como limitação ao gozo. A presença do fantasma do pai renova a cada instante o pacto fraterno, impondo aos filhos um gozo limitado e com algo de impostura. Somos fadados a gozar

⁵ Hardt, M. Negri, A. *Império*, São Paulo, Record, 2000, p. 42.

⁶ *Ibid.* p. 326.

⁷ Agambem, G. *Homo Sacer*, Stanford, Stanford University Press, 2001, p. 120. Cf. também Teixeira, A.

“Considerações acerca da violência contemporânea”, *Opção lacaniana vol. 39*, São Paulo, 2004, pp. 72-78.

⁸ Agambem, G. *op. cit.* p. 171.

apenas parcialmente e é exatamente como seres de gozo parcial que nos definimos. É o que indica Lacan quanto a instauração da falta como possibilidade de desejo, cujo nome freudiano é “castração” e que situa o regime todista de gozo.

Até aqui Foucault-Agambem tenderiam a situar Freud no campo da sociedade disciplinar, do Império paterno. Lacan, neste ponto, nos orienta ao distinguir no seio da experiência freudiana o gozo fálico - ligado à exceção, ao Pai, a um uso disciplinado dos prazeres e inserido no campo do Todo - e um gozo Outro, que descortina um campo sem contornos precisos, o *nãotodo*.

Um modelo clínico

A globalização define-se, então, como o fragmentário e múltiplo universal de um *nãotodo* global, por falta de um princípio de exceção universal, transcendente, até então encarnado pelo Pai.⁹ Um universo ilimitadamente não universal? Exatamente. Para que possamos historicizar imaginativamente sua gênese, basta tomar o que chamamos habitualmente de “mercado” como uma bem acabada expressão do *nãotodo*. Seguindo-se essa suposição bastante plausível, o comunismo teria sido um dos últimos bastiões de exterioridade com relação à economia de mercado. Após a queda do muro nada mais se excetuará a ela, afinal, não há objeto hoje que nosso capitalismo tardio não tenha ou não possa prover. O que é o mercado? Não se sabe delimitá-lo, pois não tem fronteiras precisas. Nada, porém, furta-se a ele. Os índios? Já têm celular. Os monges tibetanos? Vendem best-sellers. Ele comporta-se com previsibilidade quase zero e admite adjetivos tais como “nervoso”, “inquieto”, cheio de suspeitas. Não há enfrentamento ou negociação possível quando o capricho impera. Não se pode entrar em guerra com ele e, ao mesmo tempo, sabemos todos o quanto ele implica em submissão e violência. Além disso, qualquer semelhança com o tráfico não é mera coincidência, pois este, como grande entreposto de drogas e, por definição, sem regulação da autoridade, não deixa de nos exibir a face radicalmente violenta do mercado entregue a si mesmo.

Supor a prevalência do *nãotodo* sobre o Todo é supor uma desvalorização do Pai como exceção, mais que evidente em nossos dias. Este passo, porém, é correlativo de outro, tão ou mais significativo. O pai passa a ser *uma das* possibilidades de localização do gozo, de constituição de um Todo, e não a única e nem mesmo a principal. É o que define todo o trabalho de uma comunidade analítica que tem como apogeu a *Conversação de Archachon*.¹⁰ Retomam-se ali textos anteriores de Miller que invertem o vetor de leitura dos fenômenos clínicos da psicose. Em vez de partir-se da normalidade edípica, o que situaria a psicose como falha em seu processo de constituição, supõe-se o caótico *nãotodo* como grau zero a partir do qual será preciso constituir um Todo que dê corpo e institua sujeito e Outro em campos distintos - o que poderá fazer-se tanto pelo Édipo quanto por outras vias, o delírio, a escrita, etc.¹¹

A psicose situa-se, assim, não mais como desvio ou déficit no simbólico, mas como campo de experimentação e produção de um Todo sem recurso ao Pai. Como a paranóia é a localização imaginária deste parceiro, tornado quase total por sua localização delirante, a esquizofrenia passa para o primeiro plano. Ela é o modelo clínico para pensar o pós-moderno já que traduz um sujeito às voltas com um parceiro impossível porque impossível de localizar. A

⁹ É aqui que Laurent indica que é preciso renunciar ao mito do pai da horda, o que não significa que a função Nome-do-Pai esteja banida da humanidade (cf. Laurent, E. “Comment recomposer les Noms-du-Père?”, *Elucidation*, 8/9, Paris, Verdier, p. 54).

¹⁰ Cf. Miller, J. A. “Esquizofrenia y paranoia”, *Psicosis y Psicoanálisis*, Buenos Aires, Manatíal, 1985; “Clínica irônica”, *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200, *La conversation d'Archachon*, Paris, Seuil, 1998. Para uma demonstração de como Lacan pluraliza o Nome do Pai ao longo de seu ensino a partir de sua versão formalizada, cf. Miller, J. A. “O Outro que não existe e seus comitês de ética” lição de 18/12/96 e Porge, E. *Les Noms du Père chez Jacques Lacan*, Ramonville, Erès, 1997, p. 143.

¹¹ Cf. por exemplo a seguinte afirmação ‘A esquizofrenia atesta um estado nativo do sujeito’ (MILLER, J. A. *op. cit.*, 1985, p. 28).

esquizofrenia de Lacan, contudo, é bastante distinta da de Deleuze e Guattari, pois não se opõe a nenhum Pai. Ela é um trabalho de confecção de um Todo a partir do não-todo enquanto que Deleuze e talvez em certa medida Foucault, supunham-na como um passaporte de saída para o regime paterno, para o não-todo, como um acesso ao gozo plural dos corpos liberto do Édipo. Nossos dias demonstram que isso não é mais uma utopia, pois nosso mundo é de certa forma, o mundo das máquinas esquizofrênicas não-todas, mas nada ali nos faz pensar em ganho de liberdade.¹²

Outros regimes de prevalência do não-todo foram abordados por Lacan. Da disseminação corrosiva da língua inglesa por Joyce, à particularidade da língua japonesa, passando pela trabalho de constituição de um corpo sem recurso ao Pai, por Lol V. Stein.¹³ Lacan antecipou, assim, soluções subjetivas para a prevalência do não-todo. Neste sentido, estabeleceu conceitos-ferramenta para lidar com ela. A questão que se coloca ali é a de como situar-se no Outro sem apoiar-se na falta, que no Outro agora falta. Todo o trabalho será o de produzir algo que estabilize um circuito. A partir daí haverá separação possível entre eu e Outro, público e privado, dentro e fora. Isso não se faz na queda de braço, pois antes da separação não há pulso do Outro a que se agarrar. O limite, neste caso, será uma invenção que arranque algo desta massa disforme que é o Outro não-todo. Como se faz isso? Como cortar-se um rio com uma faca? E ainda por cima sem que haja um pai para fornecer o manual de instruções? A resposta de Lacan é, com o *sinthoma*.¹⁴

O *sinthoma*

Em seu último ensino, Lacan promove a noção de *sinthoma* distinguindo-a do sintoma freudiano por não remeter diretamente a nenhuma falta, não propor em si nenhum enigma, não oferecer-se à decifração. O *sinthoma* é um traço de sujeito, só que exatamente em seu aspecto real, em ruptura com o universal. Ele é feito de um gozo inominável, que por definição escapa ao Outro. Como a noção de sujeito parte do universal, sendo deduzido como ponto cego da estrutura, a partir da falta no Outro, será preciso convocar a idéia de objeto para abordar o *sinthoma*.¹⁵

O objeto lacaniano, nosso objeto *a*, é um pedaço de gozo, uma parte de gozo que não se insere no Outro, mas que se refere a ele como algo perdido, o resto de uma operação de extração.¹⁶ Ele também está em ruptura com o Outro no que este tem de universal, mas, diferentemente do sujeito, localiza-se com relação a algo prévio ao Outro. Por essa razão, sua apresentação é decisiva na mobilização dos circuitos do desejo. Afinal, o homem move-se em direção ao que lhe falta como parte misticamente perdida, aquilo que uma vez reencontrado restauraria o gozo perdido de uma fusão mítica.

Por essa razão, o objeto define-se com relação a um Outro Todo a quem faltaria uma parte. Já o *sinthoma* é um modo de abordagem deste gozo singular de forma a prescindir, de certa forma, de um Outro Todo para ser pensado, sendo, por isso, útil quando estamos lidando com um Outro não-todo. O *sinthoma* não é, em si, uma parte do Outro. Ele é fundamentalmente um modo de gozo. Apenas para dar uma idéia aproximada da complexa distinção introduzida por Miller, poderíamos tomar a voz como exemplo e dizer que, como objeto *a*, ela é o resto

¹² Cf. Cottet, S. “Deleuze, pour et contre la psychanalyse”, *Des philosophes à l’envers*, Paris, ECF, 2004 e Rego Barros. R. “O anti-Édipo da psicanálise”, comunicação no *IV Congresso Internacional do Campo Freudiano*, Comandatuba, 2004. Note-se que a abordagem da modernidade a partir do não-todo situa-se em posição radicalmente distinta daquelas fundadas na perversão. Desta forma, mesmo o cinismo contemporâneo será elucidado a partir da ironia esquizofrênica, por exemplo.

¹³ Cf. Lutterbach-Holck, A. *Erótica e feminino*, Tese de doutorado do programa de pesquisa em teoria psicanalítica, UFRJ, agosto de 2004 e Vieira, M. A. “O Japão de Lacan”, *Latusa vol. 8*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.

¹⁴ Cf. Miller, J. A. “A ex-sistência”, *Opção lacaniana vol.33*, São Paulo, 2002, pp. 8-21.

¹⁵ Miller, J. A. “Teoria do parceiro”, *Os circuitos do desejo*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

¹⁶ Cf. Lacan., J. “Posição do inconsciente”, *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998.

afônico da canção e, como sinthoma, o incessante gozo do *mantra*. Isso não impede que este último faça as vezes de objeto arrancado do Outro. Isto porque ele “faz furo” no Outro por insistir, pura repetição vazia, ao processo de simbolização e furtar-se a ele. Ali situado, subtratativamente, o sinthoma faz o não-todo ganhar corpo, passando ao regime do Todo. Neste sentido o sinthoma é, paradoxalmente, aquilo que, por seu fundamento autista, fura o Outro e por isso mesmo permite ao sujeito uma conexão com o social, agora tornado Todo.

É o que ocorre na psicose, em que será preciso uma invenção singular que articule sujeito, ego e objeto dando forma relativamente definida ao Outro e afastando a angústia. A noção de sinthoma neste contexto, tem um valor prático direto quando lidamos, por exemplo, com pacientes psicóticos crônicos, emergindo de internações de eventualmente décadas. Estes pacientes conseguem relocalizar-se no Outro de maneira sólida quanto mais podem servir-se de uma invenção singular que utilize exatamente aquilo que os levou a serem excluídos, seu sintoma, e que até então lhes era impossível endereçar.¹⁷

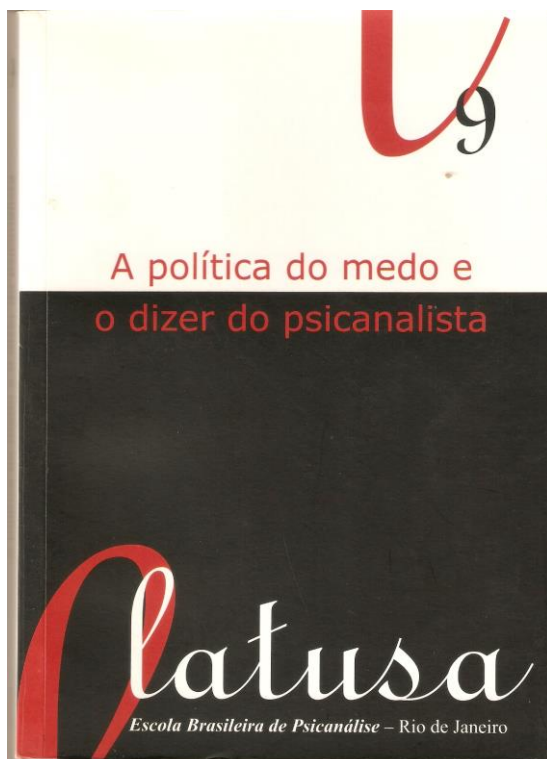
Algo neste sentido é válido para o sujeito contemporâneo. Como não há mais objeto fora da série da produção e do consumo, todos os objetos são adquiríveis, essenciais e descartáveis.¹⁸ Localizando o gozo singular da repetição e extraíndo, assim, um objeto da chuva de *gadgets* que angustia o sujeito contemporâneo com sua exigência de consumo, a chuva passa a regrar-se pelas nuvens a elas antepostas por este gozo tornado objeto. É uma leitura possível para a angústia de hoje, que tal como o Outro não-todo dissemina-se em todo canto nas fronteiras imprecisas do stress e que, eventualmente, em vez de brotar do encontro com a falta no Outro, recorta-se dele como ataque (de pânico por exemplo) e constitui-se como furo e lugar do não-sentido.¹⁹ Torna-se possível ainda abordarmos a disseminação atual da fobia como um modo de fixação do sinthoma que localiza e extrai o gozo do Outro, ou a materialização insistente do fetiche, como instituição de um objeto que faltaria ao Outro. Finalmente, assim talvez haja leitura analítica para uma violência urbana tão onipresente quanto disforme, cujo única âncora de significação parece residir na passagem ao ato sob a égide de siglas vazias (*CV*, *terceiro comando*, *ADA*, parecem justificar-se apenas por definir uma pertinência mínima e assegurar um terrível modo de estabilização do Outro não-todo).

Como se vê, visando-se o uso do sinthoma em seu poder de conexão temos um vasto programa não somente no campo da psicose. Tal como a produção de um objeto de arte, que é, no mesmo gesto, tradução do gozo de um sinthoma e objeto para o Outro, a produção do analista é o desafio de sermos capazes, em tempos não-todistas, de acompanhar e localizar no Outro a singular decantação analítica da pureza de um sinthoma.

¹⁷ *Ibid.* É o que temos realizado, com Paula Borsói e Clema Rodrigues, em uma discussão clínica a partir de casos de sujeitos esquizofrênicos em internação de longa duração no programa de moradias do *Instituto Nise da Silveira/ RJ*.

¹⁸ Vieira, M. A. Do fútil ao fato, *Opção lacaniana*, vol 40, São Paulo, 2004, pp. 21-26.

¹⁹ Caso retomemos o exemplo paradigmático de Freud do pânico na massa que perdeu seu líder para abordar o pânico atual, será preciso focalizar mais a massa indiscriminada em si do que a falta do líder.



expediente.

Editora
Heloisa Caldas

Secretária de edição
Elisa Monteiro

Conselho Editorial
Vera Lopes Besset
Vera Avellar Ribeiro
Stella Jimenez
Romildo do Rêgo Barros
Mirta Zbrun
Ana Lucia Lutterbach Holck

Comissão de publicação
Sara Perola Fux
Romildo do Rêgo Barros
Maria Angela Maia
Inês Auran Dourado Barbosa
Clara Huber Peed
Cristina Duba
Ana Lucia Lutterbach Holck

Capa
Paula Delecave

ISSN
1415-6830

Visite o site de Latusa
www.latusa.com.br

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores
Todos os direitos reservados a:

Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro
<ebprio@ax.apc.org>
Rua Vilva Lacerda, 117 - Humaitá
CEP 22261-050 - Rio de Janeiro - Brasil
Tel / Fax (55 21) 2539.0960

SUMÁRIO

artigos

- 9 A sociedade do sintoma
Éric Laurent
- 27 A manipulação do medo em tempos de angústia
Stella Jimenez
- 45 O dizer impossível da violência
Marcelo Veras
- 55 O medo, o seu tempo e a sua política
Romildo do Rêgo Barros
- 63 A política e o dizer do analista
Vera Lopes Besset
- 69 A (hiper)modernidade lacanianiana
Marcus André Vieira
- 83 O sujeito hiper moderno e o medo
Fernando Coutinho
- 91 A couraça do analista
Angela Folly Negreiros
- 97 O psicanalista frente ao medo na *polis*
Ruth Helena P. Cohen
- 109 A ética do desejo em tempos de política do medo
Maria Lúcia Petraglia
- 121 Angústia e direção do tratamento - notas
Carlos Augusto Nicéas